



Má Educação - Peça em 3 Rounds

[criação 2022]

de Inês Barahona e Miguel Fragata / Formiga Atómica
em colaboração com Victor Hugo Pontes



Trailer: vimeo.com/779564554

Registo vídeo integral: vimeo.com/795419031 (password: ME_2022)

Testemunho dos criadores: bit.ly/3gHQZx4

Todas as fotografias de ©Estelle Valente

Sinopse

Em Má Educação – Peça em 3 Rounds, o palco transforma-se num ringue de boxe. Um piano de cauda acompanha os combates como um árbitro que vai dialogando com quem ali se enfrenta e também com a música que se ouve. Em cena, uma bailarina, uma atriz e uma criança, de três gerações diferentes, entram em jogo e em disputa: quem ensina o quê a quem? Quem prepara quem e para que futuro? Quem aceita retirar-se para dar lugar a outro que chega? Um espelho da Educação: a tensão entre professores e alunos, entre futuro e passado, entre a escola que existe e a que desejamos. Um espetáculo de Inês Barahona e Miguel Fragata, com coreografia de Victor Hugo Pontes, onde o teatro e a dança procuram a revolução de que se faz o futuro.

Ficha artística

Encenação Miguel Fragata

Texto Inês Barahona

Coreografia Victor Hugo Pontes

Interpretação Ana de Oliveira e Silva, Carla Galvão e Teresa Gentil

Participação especial Vitória Fragata

Interpretação LGP Valentina Carvalho

Música Hélder Gonçalves

Desenho de luz Rui Monteiro

Cenografia Fernando Ribeiro

Figurinos José António Tenente

Desenho de som Nelson Carvalho

Operação de som Nelson Carvalho e Tiago Correia

Direção técnica e operação de luz Luís Ribeiro

Construção de cenografia Josué Maia

Orientação dos ateliers de pesquisa Inês Barahona, Vera Alvelos e Manuela Pedroso

Documentário vídeo JUNO

Produção executiva Luna Rebelo e Sofia Bernardo

Comunicação Maria Salgado e Rita Tomás (consultoria)

Produção Formiga Atómica

Co-produção São Luiz Teatro Municipal, Teatro Municipal do Porto . Campo Alegre, A Oficina / Centro Cultural Vila Flor

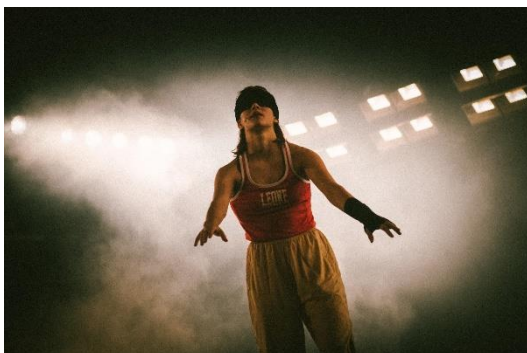
Apoios PNA – Plano Nacional das Artes, CCB – Centro Cultural de Belém, CEA – Centro de Experimentação Artística da Moita, EGEAC Galerias Municipais, Fundação Arpad-Szenes Vieira da Silva

Agradecimentos Ana Lobato, Joana Costa Santos, Causas Comuns, Marina Deus, VITORIA - Nobre Arte

Público-alvo todo o público M/12

Duração 60 minutos

A Formiga Atómica é uma entidade apoiada por República Portuguesa / Direção-Geral das Artes





Estreia

LISBOA · São Luiz Teatro Municipal, 12 a 17 de Dezembro de 2022

Digressão

GUIMARÃES · Centro Cultural Vila Flor · 2 a 4 de Março de 2023

[O MEU MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: 3 de Março de 2023](#)

PORTO · Teatro Municipal do Porto - Teatro do Campo Alegre · 16 a 18 de Março de 2023

[O MEU MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: 18 de Março de 2023](#)

COIMBRA · Convento São Francisco · 25 de Março de 2023

AVEIRO · Teatro Aveirense · 25 e 25 de Abril de 2023

LEIRIA · Teatro José Lúcio da Silva · 6 de Setembro de 2023

Acessibilidade

Valorizamos o acesso inclusivo do público aos nossos espectáculos. Neste sentido, o espectáculo *Má Educação - Peça em 3 Rounds* foi concebido bilíngue, apresentado em Português e com interpretação integrada para Língua Gestual Portuguesa (LGP), com o objectivo de criar condições de acesso para o público Surdo. Foram, ainda, concebidas para este espectáculo sessões com audiodescrição (AD), com o objectivo de criar condições de acesso, também, para o público com deficiência visual ou baixa visão. O espectáculo poderá ser apresentado com estes recursos de acessibilidade em qualquer teatro do país.



Sobre o espectáculo

O que é a Educação? Como se educa? O que se educa? Quanto conta o que cada um é nesta relação. É unidireccional? É bidireccional? Ou simplesmente não tem direcção possível? Envolve supremacia? Paternalismo? Assenta em que princípios? O que pressupõe de cada uma das partes?

Educa-se para quê? Para onde? O que são metas? Quem define o que é o futuro? Como se define o futuro? Como se perscruta o futuro?

Como se arrisca o futuro? Como se pode saber se estamos preparados para o futuro? E como se pode estar preparado para o futuro com fórmulas do passado?

Se a educação precede sempre um momento da vida em que se está fora dela, se está “formado”, como se diz, como é que a educação pode fugir à armadilha do passado? Como é que ela pode criar os espaços que permitem que uma criança educada ontem possa romper com a linha do tempo amanhã e usar qualquer coisa que foi aprendida num tempo anterior para rebenotar com esse tempo e abrir o espaço do futuro? Se nos limitamos a reproduzir modelos educativos, ou se fechamos a educação num pequeno período da vida, corremos o risco de nos tornar obsoletos muito rapidamente.

20% da população mundial está sujeita a educação formal. Uma em cada 5 pessoas. E envolvidos nesse fenómeno estão milhares de professores, auxiliares, gestores e administradores. E o que é mais estranho é que o pensamento dessas pessoas todas sobre o sentido da sua vida e do seu trabalho não é tido em conta no pensamento das políticas e na definição de estratégias relativas à educação.

Neste processo, interessou-nos explorar não só o espaço da educação formal, mas também espaços de educação não-formal, ao longo da vida: creches, jardins de infância, escolas básicas, preparatórias, escolas secundárias, faculdades/universidades, centros de formação, universidades sénior... Para isso, durante o processo de pesquisa, desenvolvemos 9 oficinas com adultos e cerca de 18 oficinas em escolas, com alunos de 4º e 5º anos, nas áreas metropolitanas de Lisboa, Porto e Guimarães.

A escola que "não serve a ninguém". Teatro São Luiz estreia peça sobre Educação

Helena Bento para o Expresso, 10 de Dezembro de 2022

Imaginar a escola ideal não é um exercício fácil. Desde logo, é preciso tempo para pensar e, depois, ter a coragem para deixar de parte crenças, ideias e construções sociais que seríamos capazes de jurar que são as mais adequadas. É a esse exercício, porém, que Inês Barahona e Miguel Fragata, fundadores da companhia de teatro Formiga Atómica, se propõem em "Má Educação - Peça em 3 Rounds", que se estreia na próxima segunda-feira, 12 de dezembro, no Teatro São Luiz, em Lisboa.

Ao longo de mais de um ano, os dois autores reuniram-se com alunos de 4.o e 5.o anos de escolas de várias cidades do país — Lisboa, Porto, Guimarães — e com professores e outros profissionais de estabelecimentos de ensino ou ligados ao universo da escola, como auxiliares, funcionários de refeitórios e motoristas de autocarros escolares.

Esses encontros serviram para refletir sobre a escola que existe e a que se desejaria ter, pensando-a desde logo do ponto de vista arquitetónico. Várias questões foram lançadas pela dupla de encenadores às crianças e jovens que aceitaram participar neste esforço conjunto de preparação do projeto: que tipo de professores lecionariam na "escola ideal"? E qual seria o horário das aulas, a carga letiva e as disciplinas a ensinar? Também aos professores e outros responsáveis e funcionários escolares foram dirigidas perguntas, em momentos de conversa em que "só se podia sonhar e inventar o que não existia", descreve Inês Barahona.

“A ESCOLA TEM EXISTIDO NUM ESPAÇO DE CONFINAMENTO”

Os inúmeros contributos que receberam vieram confirmar suspeitas que tinham, algumas formadas a partir de outras experiências de trabalho em contexto escolar ou com pessoas que trabalham em escolas. "Pelos conversas que tivemos, percebemos que, por vários motivos, a escola atual não serve a ninguém."

Mas mesmo havendo acordo sobre isso, não é promovido qualquer pensamento sobre o que está mal ou é desadequado, diz a autora. "A escola tem existido num espaço de confinamento.

Parece que estamos fechados, engaiolados numa ideia, e não conseguimos libertar-nos e partir para uma coisa que nos satisfaz". A educação continua a ser sinónimo de instrução, mantendo-se como um mecanismo de "opressão", "manipulação", "contradição" e de "perpetuação de uma espécie de menorização do sujeito".

Em Guimarães, Inês Barahona e Miguel Fragata reuniram-se com turmas de escolas localizadas em zonas diferentes do concelho, desde a periferia e áreas rurais até ao centro da cidade. No Porto, visitaram escolas do ensino público e privado, e em Lisboa o mesmo. No total, trabalharam com cerca de 20 turmas.

Além de terem conversado com professores e funcionários dessas escolas — algumas vezes através de plataformas digitais, porque quando deram início à pesquisa ainda estavam em

vigor restrições anti-covid — receberam contributos de docentes de outros territórios do país também por via online.

Miguel Fragata, encenador, garante que os problemas identificados são "absolutamente abrangentes". "Portugal tem uma das legislações de educação mais abertas da Europa." Mas isso não tem sido aproveitado, diz. "São gerações e gerações de pessoas que continuam agarradas a uma escola que tem 200 anos. Essa idade tem uma força esmagadora."

O que também pesa são as atuais condições laborais dos professores. "Há um capital de queixa muito grande, que na maioria das vezes é legítimo. Os professores estão sujeitos a inúmeras obrigações. E existe pressão para que as aprendizagens se façam de uma forma muito rápida e veloz."

Há quem resista, porém, lutando como uma "formiga solitária" em território inóspito. "O mais espantoso foi encontrar professores apaixonadíssimos pela profissão, que não atiraram a toalha ao chão e estão disponíveis para se questionarem todos os dias sobre o que representa o seu trabalho para os alunos e como será a vida dessas crianças e jovens dali para a frente", aponta, por sua vez, Inês Barahona.

O BOXE COMO "PONTO DE PARTIDA"

Seja pelo peso da instituição Escola, seja devido à existência de condições laborais consideradas insuficientes, alunos e professores nem sempre convivem de forma harmoniosa — e também essas relações por vezes desequilibradas são exploradas em "Má Educação" (no Teatro São Luiz até 17 de dezembro). Num palco transformado em ringue de boxe, uma bailarina (Ana de Oliveira e Silva), uma atriz (Carla Galvão) e uma criança de três gerações diferentes entram em disputa e confronto.

O 'combate' acontece em três momentos distintos, apropriadamente designados por 'rounds'. No primeiro, o aluno é manipulado e dominado pelo professor, que lhe grita "não faças!", "não digas!", "faz!", entre outras ordens e gestos e manobras violentas. No segundo, o aluno "ultrapassa o próprio mestre", persistindo ainda o desequilíbrio, e no último os dois "vivem em harmonia e complementam-se" na tal escola "utópica e ideal" explica Miguel Fragata.

"Para nós era claro, desde o início, que a peça teria no boxe um ponto de partida. E que a estrutura assentaria nesta ideia de três 'rounds' muito distintos, não só por causa da estrutura do próprio combate desportivo, mas sobretudo para podermos explorar esta dicotomia professor-aluno e mestre-discípulo", diz o encenador.



Em cena, além do ringue, está um piano de cauda à frente do qual se vai sentando, consoante a narrativa e a ação em palco, a pianista Teresa Gentil. A música, da autoria do músico, produtor e compositor Hélder Gonçalves, desempenha aqui um papel muito específico: é o "árbitro" dos combates, "lançando os dados para que ocorra o confronto entre as duas frentes", mas também foi um "elemento essencial" na construção do espetáculo, diz o encenador.

O mesmo se aplica — e talvez de uma forma ainda mais exata — à coreografia de Victor Hugo Pontes. "Foi um trabalho muito partilhado. Interessava-nos, desde o início, ter uma espécie de confronto entre o teatro, a palavra, a dança." O resultado é um "projeto mais rico, mais amplo e dado a leituras mais diversas", acredita Miguel Fragata. "Acho que essa a grande força deste espetáculo."

ALUNOS TÊM "DIFICULDADE" EM IMAGINAR UMA "ESCOLA ABERTA"

Nos encontros com os alunos, ao ser-lhes pedido para imaginarem a "escola ideal", Miguel Fragata e Inês Barahona perceberam que essa escola era, na verdade, muito parecida com a do presente. "Mostraram-se muito agarrados à escola que conhecem. Era-lhes difícil imaginar um espaço diferente daquele em que estudam", descreve Miguel Fragata.

Se havia alguém que sugeria, por exemplo, ter aulas de culinária, logo surgia outro aluno preocupado com a aprendizagem de disciplinas nucleares como Português e Matemática, conseguindo contaminar os restantes com esse seu receio.

Imaginar uma escola "sem muros" também foi um exercício muito difícil para a grande maioria. "A ideia de liberdade foi muito debatida. E foi um pouco perturbador observar a incapacidade dos alunos de imaginar uma escola realmente aberta." Para eles, era "absolutamente necessário" que a escola fosse fechada, por questões de segurança ou como forma de os conter. "As próprias crianças não se consideram suficientemente responsáveis ou capazes de viver num lugar que não seja fechado."

Não porque tenham pensado de forma autónoma sobre o assunto, mas porque isso lhes foi "incutido" desde cedo.

Apesar disso, manifestaram uma "vontade muito grande" de aprender no exterior e estar mais perto do mundo, e de, no interior da escola, aprender experimentando, "colocando as mãos na massa", em vez de se limitarem a ouvir, de forma passiva, a lição do dia, conta Inês Barahona. Outro desejo partilhado pelos alunos foi o de ver incorporada uma dimensão artística no ensino, abrindo-se as portas da escola a artistas das mais variadas áreas. É esta a "escola ideal" imaginada pelos alunos. E, pelos requisitos exigidos, não deverá ser preciso muito para a alcançar.





“Numa escola ideal poderíamos aprender a cooperar mais”

VITÓRIA FRAGATA é filha de Inês Barahona e Miguel Fragata, a dupla de criadores que em março traz ao São Luiz Má Educação. Aos 10 anos, tem uma participação especial neste projeto da programação Mais Novos. A par de um processo de pesquisa com quem habita o espaço do ensino, o novo espetáculo dos pais inspirou-se inevitavelmente em Vitória: na sua existência, nas suas vivências, no seu crescimento, no seu olhar sobre o mundo. Quisemos, por isso, ouvi-la a ela.

Entrevista na Revista do Teatro São Luiz, de Janeiro-Março de 2022

O que é isso de má educação? O que é ser mal educado?

Pode ser várias coisas. É quando alguém não responde bem ou não é simpático com os outros. Acho que o ser-se mal educado deriva do exemplo. Os irmãos mais novos, quando são pequeninos, imitam tudo o que os irmãos mais velhos dizem, fazem os mesmos gestos. Se dermos maus exemplos, a criança vai seguir os maus exemplos.

E uma boa educação, o que é?

Não estava à espera dessa agora... Há quem considere ser bem educado dizer-se “obrigado”, “por favor”... Eu considero que ser bem educado é ser mais descontraído.

Onde se aprende mais: em casa ou na escola?

Nos dois sítios aprende-se de forma diferente. Em casa, os pais dizem-nos: “sê bem educado, não ponhas os cotovelos na mesa...” Na escola, há mais liberdade para essas coisas, podes pôr os cotovelos na mesa à vontade, ninguém vai dizer nada... Por outro lado, em casa, quando estás a estudar, podes ouvir música ou cantar e quando estás numa aula não... Aprende-se de maneira diferente e aprendem-se coisas diferentes também. Os pais ensinam outras coisas, ensinam-nos “coisas para a nossa vida”, como o meu pai me está sempre a dizer.

Como seria a escola ideal? O que se aprenderia aí?

Já pensei várias vezes nisso. Inclusive, eu e o meu professor de Português, o Rogério, e a minha turma, estivemos a falar sobre isso hoje. E concordei com o que ele disse: uma escola ideal seria de frequência não obrigatória e onde pudéssemos ter as aulas que nos apetecesse. E sempre de portões abertos – exceto de noite, aí convém fechar... Penso que seria melhor assim, porque, por exemplo, não sou grande coisa a Geografia e nessa escola ideal, não teria de frequentar as aulas de Geografia. Seria uma utopia, era sobre isso que estávamos a falar na aula de Português. Mas, na verdade, tem vantagens e desvantagens... se não frequentasse as aulas de Geografia, não aprendia nada de Geografia, não é? Penso que numa escola ideal poderíamos aprender a cooperar mais uns com os outros. A escola ideal teria essa disciplina, porque diz-se que Portugal é muito cooperativo, mas as pessoas têm noções diferentes de cooperativa. Para mim, cooperar é ajudar o outro e nunca o deixar para trás moralmente.

Quem ensina mais quem: os pais aos filhos ou os filhos aos pais?

Ensinam os dois de maneira diferente. À medida que vais educando uma pessoa,

essa pessoa também te vai educando a ti. Por exemplo, os meus pais, quando me tiveram, fizeram erros que já não fizeram com a minha irmã mais nova. Claro que os pais são muito importantes para a aprendizagem dos filhos, mas os filhos também são importantes para a aprendizagem dos pais.

Porque se deve falar de educação no teatro?

O teatro é muito importante, porque é uma forma de passar mensagens de uma maneira mais acessível a todas as idades. Mostra-nos que é importante falarmos sobre o que está a acontecer e sobre o que estamos a guardar para nós e podemos partilhar com outros. Digamos que os espetáculos podem mudar a nossa vida.

E fazer teatro, entusiasma-te?

Há momentos em que penso que vou participar na peça e fico feliz; há outros em que penso que vou ficar tão nervosa! Já com os testes fico... Gosto de ter as pessoas a olhar para mim, mas fico nervosa. Com esta entrevista não fiquei, foi tudo espontâneo, não pensei em nada antes, porque percebi que ia ser uma coisa descontraída...



O Meu Ministério da Educação

O Meu Ministério da Educação é um encontro/conferência desenhado como o culminar do processo de pesquisa deste projecto para pensar em conjunto uma ideia utópica de educação. Um encontro feito com o contributo de várias vozes, dos mais jovens aos mais experimentados, crianças e adultos especialistas em educação, com a liberdade dos sonhadores. A oportunidade para ultrapassar o capital de queixa sobre o que existe, para se poder inventar o que gostávamos que existisse.

A conferência *O Meu Ministério da Educação* realizou-se nos territórios dos três co-produtores do espectáculo e contou com a intervenção de representantes de três grupos compostos por crianças e adultos com interesse na área da educação que, previamente, participaram num workshop que visa inventar novas escolas, novos modelos de educação, novas tutelas, novas formas de formar professores – e ainda com três oradores convidados.

•

São Luiz Teatro Municipal, 11 de Novembro de 2022

Conferência

Ariana Furtado professora do 1.º Ciclo e coordenadora da Escola Básica do Castelo

Jorge Ramos do Ó professor associado do Instituto de Educação da UL e Professor Convidado da Universidade de São Paulo

Sérgio Niza pedagogo e fundador do Movimento da Escola Moderna portuguesa

Alunos do 1º ano da Escola Superior de Educação (ESELx)

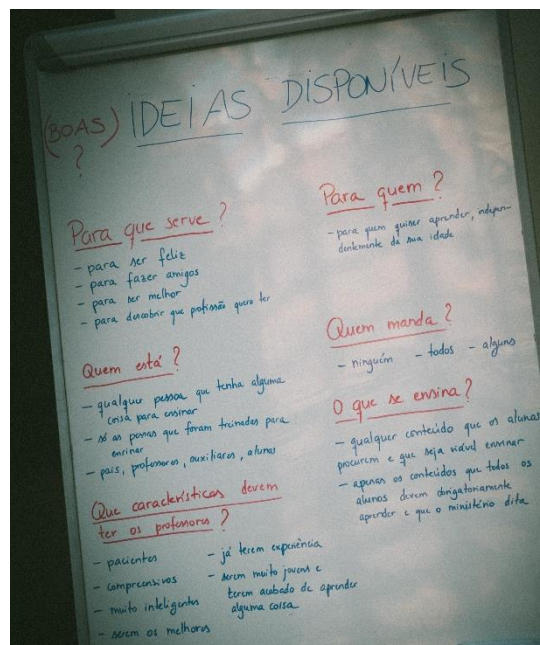
Alunos do 5º ano da Escola Básica e Secundária Passos Manuel

Exibição do filme *Être et Avoir*, de Nicolas Philibert

Documentário de 2002, que acompanha, numa pequena comunidade rural francesa, o ano letivo de um professor, Georges Lopez, e da sua turma de 12 crianças com idades entre os 4 e os 11 anos.

([trailer](#))

•



Centro Cultural Vila Flor, 3 de Março de 2023

Conferência

María do Carmo Martins Licenciada em professores 1º ciclo - ensino básico, Professora de Artes Performativas no programa Maîtres e Professora de Yoga e meditação para crianças. É mentora do projeto "Crescer com yoga", autora do jogo "Posturas de yoga" e jogo do Sol e da Lua, impulsionadora do Projeto "Cemtelhas" - famílias na floresta e contadora de histórias.

Maria José Araújo Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade do Porto. Investigadora integrada do Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical CIPEM, INET-md grupo 'Educação e Música na Comunidade e colaboradora do InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação ESE-P. Porto. O seu trabalho de investigação centra-se nas temáticas do tempo livre e lazer especialmente no que respeita à infância, ao brincar, à educação e expressão artística. É autora de vários livros e capítulos de livros em revistas nacionais e internacionais.

Márcia Santos Professora do Ensino Básico e pós-graduação em Educação Especial

•

Teatro do Campo Alegre, 18 de Março de 2023

Conferência

Catarina Grande Ph.D. em Psicologia, é Professora Auxiliar de Psicologia em ciclos de pré/pós-graduação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e membro integrado do Centro de Psicologia da UP. Os principais interesses de investigação são as crianças em idade pré-escolar com desenvolvimento típico/atípico. Participou em diferentes projetos de investigação sobre a intervenção precoce e educação na infância. Tem publicações em diversas áreas, incluindo desenvolvimento na infância, participação e saúde.

Paula Cruz Professora de Português no Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto. Doutorada em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, com a tese "Educação para a decepção em Adília Lopes: Mecanismos de sabotagem do sujeito poético e do discurso".

Rui Trindade Curso de Professor do Ensino Primário, a licenciatura em Psicologia do Desenvolvimento e da Educação da Criança, sendo Mestre e Doutor em Ciências da Educação. É professor Associado com Agregação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da UP, bem como membro integrado do Centro de Intervenção e Investigação Educativas (CIIE) da mesma instituição. Atualmente, é o presidente do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua e membro do Conselho de Gestão do Instituto de Avaliação Educativa.



Biografias

Miguel Fragata

encenação

(Porto, 1983)

Licenciado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Completou o Bacharelato em Teatro na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo. Trabalhou como intérprete em espetáculos de Jorge Andrade, Madalena Victorino, Cristina Carvalhal, Jacinto Lucas Pires, Catarina Requeijo, Giacomo Scalisi, Rafaela Santos, Vera Alvelos, Pompeu José, José Rui Martins, José Carretas, Gabriel Villela e Agnès Desfosses. Fundou em 2014, e dirige desde então, a FORMIGA ATÓMICA. Concebeu e encenou os espetáculos O ESTADO DO MUNDO (QUANDO ACORDAS) (2021, coprod. LU.CA, Théâtre de la Ville de Paris, Comédias do Minho, Materiais Diversos), PRANTO DE MARIA PARDA (2021, prod. TNDMII), FAKE (2020, coprod. TNDMII, TNSJ, Cineteatro Louletano), MONTANHA-RUSSA (2018, coprod. TNDMII, TNSJ, Teatro Virgínia), DO BOSQUE PARA O MUNDO (2016, coprod. São Luiz Teatro Municipal), cuja versão francesa foi coproduzida pelo Théâtre de la Ville de Paris e abriu o 72.º Festival d'Avignon (2018). Concebeu e encenou ainda A VISITA ESCOCESA (2016, prod. TNDMII), PEDRO, PEDRA E GRÃO (2016, prod. Teatro Viriato) e A GRANDE DEMONSTRAÇÃO DE XILOFAGIA (2016, Fundação Calouste Gulbenkian). Em 2015, concebeu e encenou os espetáculos THE WALL (coprod. Teatro Maria Matos, Teatro Municipal do Porto, Teatro Viriato, Teatro Virgínia, Centro Cultural Vila Flor e Centro de Arte de Ovar) e O HOMEM SEM RÓTULO (coprod. EGEAC). Em 2013, concebeu, encenou e interpretou o espetáculo A CAMINHADA DOS ELEFANTES (coprod. Teatro Maria Matos, Teatro Viriato, Centro Cultural Vila Flor e Artemrede), espectáculo disponível em 4 versões: portuguesa, francesa, alemã e espanhola. Os seus espetáculos têm sido apresentados em teatros e festivais por todo o território nacional, Espanha, França, Suíça, Bélgica, Alemanha, Brasil e Colômbia.

Inês Barahona

texto

(Lisboa, 1977)

Licenciada em Filosofia. Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa). Ingressou no Centro de Pedagogia e Animação, do Centro Cultural de Belém, em 2005, sob a direção de Madalena Victorino, onde desenvolveu projetos de relação entre as artes e a educação para público escolar, familiar e especializado. Desenvolveu, em 2008, com Madalena Victorino e Rita Batista, para a Direção-Geral das Artes, O LIVRO ESCURO E CLARO, cuja distribuição acompanhou em 2012, dando formação a equipas e professores. Colaborou ainda na conceção da exposição UMA CARTA COREOGRÁFICA da autoria de Madalena Victorino, para a Direção-Geral das Artes. Integrou a equipa de Giacomo Scalisi, vertentes de Produção e Relação com a Comunidade, na inauguração do Teatro Municipal de Portimão, em 2008. Trabalha em áreas como a escrita e a dramaturgia, com Madalena Victorino, Giacomo Scalisi, Teatro Regional da Serra de Montemuro, Catarina Requeijo, Ana Vargas e Guilherme Gomes. Encenou, em 2012, o espetáculo A VERDADEIRA HISTÓRIA DO TEATRO, para o Teatro Maria Matos, em 2013, A VERDADEIRA HISTÓRIA DA CIÊNCIA, para a Fundação C. Gulbenkian. Fundou, em 2014, a companhia FORMIGA ATÓMICA com Miguel Fragata, com quem cocriou os espetáculos A CAMINHADA DOS ELEFANTES (2013), THE WALL (2015), A VISITA ESCOCESA e DO BOSQUE PARA O MUNDO (2016), MONTANHA-RUSSA (2018), FAKE (2020) e O ESTADO DO MUNDO (QUANDO ACORDAS) (2021), ocupando-se da escrita dos textos. Dá formação na área da escrita e mediação.

Victor Hugo Pontes

coreografia

(Guimarães, 1978)

É licenciado em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Em 2001, frequentou a Norwich School of Art & Design, em Inglaterra. Concluiu os cursos profissionais de Teatro do Balletatro Escola Profissional e do Teatro Universitário do Porto, bem como o curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum Dança. Em 2004, fez o curso de Encenação de Teatro na Fundação Calouste Gulbenkian, dirigido pela companhia inglesa Third Angel e, em 2006, o curso do Projet Thierry Salmon – La Nouvelle École des Maîtres, dirigido por Pippo Delbono, na Bélgica e em Itália.

Foi, durante vários anos, assistente de encenação de Nuno Cardoso. Como coreógrafo e encenador, criou mais de 20 espetáculos, dos quais destaca “A Ballet Story”, “Fall”, “Se Alguma Vez Precisares da Minha Vida, Vem e Toma-a”, “Carnaval” (a convite da Companhia Nacional de Bailado), “Drama” e “Margem”.

É, desde 2004, responsável pela cenografia dos Clã, tendo também realizado e coreografado diversos videoclips para a mesma banda.

Em Março de 2007, venceu o 1º Prémio com o trabalho Ícones no 2nd International Choreography Competition Ludwigshafen 07, na Alemanha. Em 2013, foi nomeado com o espetáculo “A Ballet Story” para os Prémios SPA na categoria de Dança – Melhor Coreografia. Em 2019, o espetáculo “Margem” venceu o Prémio SPA na categoria de Dança – Melhor Coreografia.

Hélder Gonçalves

música

(Angola, 1970)

No final dos anos 80, frequenta a Escola de Jazz do Porto, integrando depois vários agrupamentos na área do jazz como contraabaixista. Em Novembro de 1992, funda os Clã onde, além de músico, é o principal compositor e arranizador.

A par do trabalho com os Clã, trabalha como produtor. Envolve-se no projeto Humanos como produtor, arranizador e músico e ainda nas Caríssimas Canções, de Sérgio Godinho. Como compositor, desenvolve parcerias com diversos autores - Carlos Tê, Sérgio Godinho, Arnaldo Antunes, Regina Guimarães, entre outros. Compõe para peças de teatro e é autor de uma banda sonora original para o filme Nosferatu, de Murnau. No final de 2014 cria, com Manuela Azevedo e Victor Hugo Pontes, o projeto COPPIA.

Em parceria com Nuno Rafael, cria a banda sonora da série televisiva Os Boys. Cria a música original para o espetáculo Unísono de Victor Hugo Pontes e faz a composição e direcção musical de FÃ - teatro musical com encenação de Nuno Carinhas.

Ana de Oliveira e Silva

interpretação (bailarina)

(Vila do Conde, 1998)

Iniciou em 2013 estudos em danças urbanas, licenciou-se em Dança pela Escola Superior de Dança e em 2018 fez um estágio na peça *Um Vale do aqui* de Daniel Matos para a companhia CAMA.

Em 2019 participou no projeto *Para uma TIMELINE a haver*, de João dos Santos Martins e Ana Bigote. No mesmo ano fez assistência de ensaios para *Um fio de ar* de Amélia Bentes, no Castelo de S. Jorge e *FIT(IN)*, de Yola Pinto e João de Brito, no Teatro Municipal S. Luiz.

Em 2020 fez parte do projeto *Coreógrafos e Compositores* com curadoria de Victor Hugo Pontes, iniciou um estágio na Companhia Olga Roriz e co-criou uma performance de videoarte com Nuno Veiga no âmbito da exposição *STRATA*, para a Fundação Eugénio de Almeida, em Évora.

Interpretou ainda as peças *Seis meses depois* (2020) de Olga Roriz, *MaisMar* (2019) e *IGNIS* (2020) de Amélia Bentes, *APOCALIPSE 2020* (2021) de Alice Joana Gonçalves, *LONGUE MARCHE* (2021) de Rodrigo Teixeira e *Dust* de Joana Borges (2021).

Carla Galvão

interpretação (atriz)

(Lisboa, 1980)

Tem o curso de teatro da ESTC. Colaborou como atriz em trabalhos de Joaquim Nicolau, Maria Emília Correia, Madalena Victorino, Henrique Félix, Francisco Luís Parreira, João Brites, Paulo Filipe Monteiro, Richard Foreman, Gonçalo Amorim, Maria Gil, Martim Pedroso, Maria João Luís, Tonan Quito, Tiago Rodrigues, Victor Hugo Pontes, Fernanda Lapa, Marta Lapa, Alexandre Tavares, Carla Maciel, Sara Carinhas, Daniel Gorjão, Nuno Gil, Romeu Costa, Catarina Requeijo. Trabalha regularmente com as companhias Artistas Unidos, Teatro Meridional e Teatro dos Aloés. Em cinema trabalhou com Solveig Nordlund, Luís Fonseca, Luis Alvarães, João Constâncio, Edgar Medina, Jeanne Waltz, Pedro Pinho, Luísa Homem, Leonor Noivo, Tiago Hespanha e Pedro Filipe Marques. Em Televisão participou em *Liberdade XXI*, *Laços de Sangue*, *Maternidade*, *Doida por Ti*, *Belmonte*, *Dentro*. Desenvolve criações para a infância com Fernando Mota, Rui Rebelo, Crista Alfaiate, Cláudia Andrade e Mafalda Saloio.

Teresa Gentil

interpretação (pianista)

(Tondela, 1982)

É música por convicção e de profissão desde que descobriu as teclas pretas dos pianos. Estudou-as, com afinco, desde os seis anos. Em 2001, foi admitida na Escola Superior de Música do Porto, no curso de composição, onde estudou com Cândido Lima e Dimitris Andrikoupolous. Desta altura ficam as obras interpretadas pela orquestra Gulbenkian (Lisboa, 2005 e 2006) e Orquestra Nacional de Lorraine (Metz, 2006), e Sinfonietta da ESMÁE (Porto, 2006), bem como a edição da peça "Duo" na publicação "Águas Furtadas".

Orienta desde 2004 várias oficinas de composição musical e construção de instrumentos para crianças e adultos; foi co-fundadora da Descalças Cooperativa Cultural e em Dezembro de 2006 edita o seu primeiro CD de originais "Natália Descalça", com composições sobre poemas de Natália Correia; em 2007 recebe o Prémio Zeca Afonso no Festival Cantar Abril (CMAmada); em 2008 edita o disco "Gent'ílesa" e o livro/disco "A menina azul".

Compôs música para mais de trinta peças teatrais, e é criadora do projeto "Bemóis e outros Bicharocos", histórias e música contemporânea para os mais pequenos. Estreou, em Abril de 2013, o seu 3º musical, "O Pátio das mentiras", na Casa da Música. Em 2014, é uma das artistas do projeto "Raízes da Curiosidade", que junta artistas e neurocientistas no Centro Cultural de Belém. Atualmente, desenvolve espetáculos e oficinas para público mais jovem, a partir de objetos e paisagens sonoras.

Valentina Carvalho

interpretação LGP

(Coimbra, 1993)

Na Escola de Teatro São Teotónio concluiu o Curso Profissional – Artes do Espetáculo - Interpretação. Licenciada em Língua Gestual Portuguesa – Interpretação pela Escola Superior de Educação de Coimbra, desempenha funções de Intérprete de Língua Gestual Portuguesa desde 2016. Trabalhou na Associação Portuguesa de Surdos, na Escola Artística António Arroio, Escola Superior de Comunicação e Multimédia de Lisboa e no projeto #EstudoemCasa. Colabora com a Federação Portuguesa das Associações de Surdos, desenvolvendo trabalhos nos contextos: cultural, televisivo, político e religioso. Colabora como ILGP com o LU.CA. - Teatro Luís de Camões e MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia. Atualmente é aluna no Mestrado de Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos na Universidade Católica de Lisboa, desenvolvendo uma investigação sobre a acessibilidade da Comunidade Surda ao teatro. Participou como ILGP performer nas peças A Árvore Branca e Parece um Pássaro da Plataforma 285, Outra Língua da Efémera, O Estado do Mundo (Quando Acordas) e Má Educação - Peça em 3 Rounds da Formiga Atómica. É sócia-gerente da empresa de interpretação/tradução GES TU.

Rui Monteiro

desenho de luz

(Braga, 1988)

Concluiu, em 2008, o curso de Iluminação na Academia Contemporânea do Espetáculo. Trabalhou como Desenhador de Luz em espetáculos de Ana Luena, António Capelo, António Júlio, Bob Wilson, Baboo Liao, Catarina Vieira, Carlos Pimenta, Cláudia Lucas Chéu, Crista Alfaiate, Daniel Pinto, David Marques, Fernando Alves, Gintare Minelgaite, Joana Providência, João de Castro, João Paulo Costa, João dos Santos Martins, James Bonas, Jorge Andrade, Luciano Amarelo, Lígia Roque, Lígia Soares, Luisa Pinto, Luís Araújo, Luís Miguel Cintra, Marta Lapa, Marta Pazos, Mickael de Oliveira, Miguel Loureiro, Nicola Raab, Nuno Carinhas, Nuno M. Cardoso, Pedro Almendra, Pedro Filipe Marques, Pedro Penim, Raquel André, Raquel Castro, Ricardo Alves, Rodula Gaitanou, Sara Barbosa, Solange Freitas, Tânia Bruguera, Tiago Correia, Tiago Guedes, Tiago Cadete, Marco Mendonça, João Pedro Leal, Eduardo Molina, Fernando Moura Ramos, entre outros. Participou com instalações de iluminação no Watermill Center Summer Program, em Nova Iorque, em 2014, 2015 e 2016, juntamente com artistas de todo o mundo, entre os quais se destacam Jim Jarmusch, Cocorosie e Dimitris Papaioannou. Foi assistente de iluminação dos desenhadores de luz A.J. Weissbard e John Torres. Fundou a empresa de iluminação Visualight, onde trabalhou até ao ano de 2010. Lecionou a disciplina de Iluminação na ACE e deu formações na área de design de iluminação no Teatro Faialense e no espaço Bruto.

Fernando Ribeiro

cenografia

(Lisboa, 1976)

Iniciou a sua formação artística na área da Pintura, tendo completado o Bacharelato em Realização Plástica do Espetáculo e a Licenciatura em Design de Cena na Escola Superior de Teatro e Cinema. Concluiu igualmente o curso de Pintura da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e o curso de Ilustração da Fundação Calouste Gulbenkian. Na área do teatro, concebeu espaços cénicos para

espetáculos dirigidos por Adriano Luz, Ana Luísa Guimarães, Andrzej Sadowski, António Feio, António Fonseca, António Pires, Carla Maciel, Cláudia Gaiolas, Dinarte Branco, Gonçalo Waddington, João Mota, Joaquim Horta, John Romão, José Carretas, José Pedro Gomes, José Wallenstein, Marcos Barbosa, Maria João Luís, Marina Nabais, Miguel Fragata, Natália Luiza, Nuno Cardoso, Nuno M Cardoso, Paula Diogo, Pedro Barraca, Pierre Woltz, Rita Blanco, Sara Carinhas, Tiago Rodrigues, Tónan Quito, Victor Hugo Pontes, entre outros. Em março de 2015 recebeu uma menção honrosa pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

José António Tenente

[figurinos](#)

(Cascais, 1966)

Após ter iniciado a sua formação superior em Arquitetura, José António Tenente envereda pela Moda, revelando em 1986 a sua primeira coleção. Com um trabalho reconhecido e galardoado com vários prémios de "Criador de Moda" e outras distinções, José António Tenente dedica atualmente a maior parte do seu trabalho à criação de figurinos para espetáculos, atividade que desde cedo ocupa um importante lugar no seu percurso. tem colaborado com diversas companhias, encenadores e coreógrafos: Ballet Gulbenkian, Companhia Nacional de Bailado, Companhia Paulo Ribeiro, Companhia de Dança Contemporânea de Évora, Beatriz Batarda, Carlos Avillez, Carlos Pimenta, Luca Aprea, Maria Emília Correia, Miguel Fragata, Miguel Loureiro, Pedro Gil, Ricardo Neves-Neves, Tónan Quito, Benvindo Fonseca, Clara Andermatt, Paulo Ribeiro, Rui Horta, Rui Lopes Graça, entre outros.

Nelson Carvalho

[desenho de som](#)

(Vila Nova de Gaia, 1970)

Engenheiro de som e produtor musical, é há 10 anos o Studio Manager dos Estúdios Valentim de Carvalho. Licenciado em Informática pela Universidade Portucalense. Ainda na faculdade, foi assistente do músico/ produtor Mário Barreiros (integrante do Sexteto de Jazz), com quem fez alguns dos discos mais emblemáticos da década de 90: "Lustro" (Clã) e "Monstro" (Ornatos Violeta). Entre os discos e os projetos que acompanha enquanto produtor, coprodutor e técnico de som, destacam-se: Lufá Lufá, Wraygunn, Legendary Tigerman, Sean Riley & The Slowriders, Orelha Negra, Deolinda, Virgem Suta, Samuel Úria, David Fonseca, Clã, Humanos, Camané, GNR, Mão Morta, Cristina Branco, Rita Redshoes, Mind Da Gap, Diabo na Cruz, Xutos & Pontapés, Frankie Chavez, Bernardo Sasseti e Carlos Bica, Mário Laginha, Maria João, Jorge Palma ou Sérgio Godinho.

Vitória Fragata

[participação especial](#)

(Lisboa, 2011)

Nascida no seio de uma família de artistas, tem crescido muito próxima das artes performativas – em particular o Teatro - e das criações da Formiga Atómica. Frequenta o 4º ano do ensino básico na Cooperativa A Torre. Tem aulas de expressão dramática, orientadas por Adriana Aboim. Frequentou, em 2017 e 2018, aulas de dança lecionadas por Marta Silva, promovidas pela SOU - Associação Cultural. Adora ler, brincar e inventar histórias.



© Agathe Poupeney

Sobre nós

A Formiga Atómica é uma companhia de teatro, fundada e dirigida por Miguel Fragata e Inês Barahona. As suas criações inscrevem-se em questões contemporâneas e destinam-se a todo o público. Os espetáculos da Formiga Atómica são habitualmente antecedidos por períodos de pesquisa motivados pela questão e/ou públicos que abordam. Entre as suas criações destacam-se *A Caminhada dos Elefantes* (2013, +150 apresentações), *The Wall* (2015), *A Visita Escocesa* (2016), *Do Bosque para o Mundo* (2016, +90 apresentações), *Montanha-Russa* (2018, +45 apresentações), *Fake* (2020), *O Estado do Mundo (Quando Acordas)* (2021, +110 apresentações) e *Má Educação – Peça em 3 Rounds* (2022).

A companhia circula regularmente por território nacional e internacional, tendo concebido versões francesas de três dos seus espetáculos: *La Marche des Éléphants* (2016), *Au-Delà de la Forêt, Le Monde* (2017, espetáculo de abertura do Festival de Avignon 2018) e *L'État du Monde (Un dur réveil)* (2022, co-produção Théâtre de La Ville - Paris).

O espetáculo *A Caminhada dos Elefantes* circula também, desde 2020, nas suas versões alemã (*Die Wanderung der Elefanten*) e espanhola (*La caminata de los elefantes*).

Contactos

Miguel Fragata
Direção Artística
+351 914 611 220
miguelfragata@formiga-atomica.com

Inês Barahona
Direção Artística
+351 963 106 604
inesbarahona@formiga-atomica.com

Produção
+351 910 074 029
info@formiga-atomica.com

Formiga Atómica –
Associação Cultural
Rua Capitão-Mor Pedro
Teixeira, nº1, 5ºesq
1400-041 Lisboa

www.formiga-atomica.com
Facebook [formiga.atomica.ac](https://www.facebook.com/formiga.atomica.ac)
Instagram [formiga.atomica.ac](https://www.instagram.com/formiga.atomica.ac)

